



O que são, afinal, os media?¹

Adriano Duarte RODRIGUES²

Resumo:

Pretendo com este texto mostrar a natureza mediática de qualquer comunicação humana, demarcando-me da visão habitual que confunde os media com empresas jornalísticas e os reduz à utilização que as pessoas fazem dos dispositivos de comunicação à distância. Partindo de uma abordagem histórica e antropológica, proponho contribuir para a clarificação destas confusões muito frequentes nos estudos da comunicação.

Palavras-chave:

Comunicação. Media.

What are after all the media?

Abstract:

In this paper, I intend to show that all human communication is mediated and, based on this background, I address the common view that tends to mix the media with journalistic enterprises, or to reduce them to the use of the long-distance communication apparatus. Building on a historical and anthropological approach, I propose some clarifications on these rather common confusions in the field of communication studies.

Keywords: Communication. Media.

¿Qué son, afinal, los media?

25

Resumen:

Con este texto, yo pretendo mostrar que toda la comunicación humana es mediática y, así, me demarcar de la visión común que confunde los media con las organizaciones periodísticas o con la utilización que las personas hacen de los dispositivos de comunicación a distancia. Partiendo de un abordaje histórico y antropológico, propongo una contribución para la clarificación de estas confusiones muy frecuentes en los estudios de la comunicación.

Palabras clave:

Comunicación. Media.

Introdução

Encontramos nos estudos sobre comunicação frequentes trabalhos que pretendem estudar os *media*, mas são raros os que procuram clarificar o sentido deste termo³. Os fenómenos que investigam têm realmente a ver com os *media* ou se os media não servem

¹ Artigo apresentado em evento do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), ampliado para publicação na RBHM.

² Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

³ *Medium*, no plural *media*, como também se escreve em inglês, é um termo latino. Não vejo razão para escrever mídia e mídias, como se diz no Brasil, a partir da pronúncia inglesa, uma vez que escrevo em português, uma língua latina.



antes de pretexto ou de alvo dos preconceitos, ora dos que idolatram, ora dos que demonizam os media e, em geral, as invenções técnicas que fazem parte indissociável da nossa experiência do mundo.

Tomemos o exemplo das chamadas análises críticas do suposto discurso dos media. Será que os fenómenos discursivos que as pessoas observam nos discursos produzidos nos diversos ambientes mediáticos escolhidos pelos referidos autores são diferentes dos fenómenos que encontramos em discursos produzidos noutros ambientes, como, por exemplo, nos discursos que as pessoas produzem durante um jantar entre amigos ou em família, no balneário de um ginásio, durante os transportes públicos ou num bar? Será que, por exemplo, as marcas racistas, sexistas, fascistas, que costumam identificar as análises que pretendem estudar os supostos discursos dos media, têm propriamente a ver com os media ou podemos encontrá-las igualmente em quaisquer outras atividades discursivas que as pessoas estabelecem diariamente entre elas?

Por detrás destas análises existe, entre outras coisas, a pretensão da existência de discursos não mediáticos. Mas haverá discursos não mediáticos? O que seriam discursos não mediáticos?

De maneira genérica, podemos ainda formular muitas outras questões para as quais os supostos estudos dos media não costumam oferecer qualquer resposta: será que os media falam e fazem discursos? Do que se trata quando se diz que os media produzem discursos? Falar de discurso dos media não é, afinal, uma maneira disfarçada de magia, uma versão disfarçada das fábulas que se referem a um tempo imaginário em que supostamente os animais ou os elementos da natureza falavam?

Para obter os elementos indispensáveis que permitam encontrar resposta para estas questões, parece-me indispensável começar por identificar aquilo a que damos o nome de media.

A origem do termo *medium*

Antes de procurar responder a esta pergunta, vou recordar a origem do termo médium (no plural, *media*). Como sabemos trata-se de um termo latino que foi introduzido em inglês, no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, no contexto cultural específico dessa época. Os americanos começaram a designar com este termo três dispositivos recentemente inventados: o telégrafo, a fotografia e a rádio. O que levava os americanos a designar estes inventos como media era o facto de tornarem possível a transmissão de mensagens entre pessoas distantes, objetivo que os médiuns também



procuravam atingir nas sessões espíritas que surgiram nessa época. Este neologismo surgiu, por conseguinte, no contexto da associação destas técnicas com o cardécismo e a prática do espiritismo⁴, então muito em voga nos Estados Unidos da América.

O que contribuiu para a conjugação destes inventos com o espiritismo, à primeira vista tão diferentes, foi o facto de a fotografia, a telegrafia e a telefonia serem dispositivos frequentemente utilizados, nessa época, nas sessões espíritas pelos médiuns, para sugerirem a presença dos familiares e dos amigos falecidos ou que tinham ficado nos países europeus de onde eram originários os colonos do continente americano. Como as fotografias da época não tinham a qualidade e a precisão das fotografias de hoje, os rostos das pessoas nos retratos pareciam estar rodeados por uma espécie de auréola que era interpretada como a representação da aura ou da alma. Essa impressão era utilizada pelos médiuns para provocarem a ilusão da presença dos familiares distantes ou dos entes queridos desaparecidos. Os médiuns utilizavam também a batida do telégrafo e os ruídos que acompanhavam o som das primeiras emissões radiofónicas. Como na época estes inventos estavam ainda em fase de experimentação laboratorial, e utilizavam apenas as ondas curtas que, como sabemos, são de difícil sintonização, eram encarados como curiosidades semelhantes às que costumavam ser apresentadas nos circos e nas feiras. Como os sons captados pela rádio eram acompanhados de ruídos semelhantes aos de passos das pessoas e eram associados ao caminhar por cima de gravilha ou de areia, os médiuns utilizavam-nos para sugerirem os passos das pessoas evocadas pelos participantes nas sessões espíritas que organizavam. O entusiasmo com que estes novos dispositivos foram adotados decorria, por isso, da sua natureza telepática, do facto de supostamente tornarem possível o contato com as pessoas distantes ou desaparecidas, numa época em que essa possibilidade mobilizava de maneira muito intensa a imaginação das pessoas.

A dimensão técnica dos media

Como vemos, aquilo que a expressão *media* designa compreende objetos técnicos ou artefactos. Como para os seres humanos a experiência do mundo sempre dependeu da invenção de objetos técnicos, esta dependência, ao contrário daquilo que algumas pessoas

⁴ Ver, a esse propósito, John Durham Peters, **Speaking into the air**. A history of the idea of Communication. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p. 94 e ss.; 137-225. Peters conta as proezas de duas irmãs Fox, Kate (1837-1892) e Margaret (1833-1893), em Hydesville, nos arredores de Nova Iorque, onde viriam a nascer o Mormonismo, os Adventistas do Sétimo Dia, o movimento feminista, mas também a Kodak e a Xerox. As duas irmãs ficaram célebres pelas sessões espíritas que realizavam em casa e que são narradas por Sir Athur Conan Doyle, no seu livro **The history of spiritualism**, publicado em 1926. Nessas sessões simulavam a vinda das pessoas que as pessoas invocavam com discretas batidas do alfabeto Morse.





parecem pressupor, não é propriamente uma característica do nosso tempo. A existência de seres humanos não depende apenas dos seus dispositivos naturais, mas esteve desde sempre dependente dos inventos técnicos, uma vez que o processo de hominização consiste precisamente na atrofia dos seus dispositivos naturais e na correspondente necessidade de elaboração de artefactos que compensem a atrofia dos dispositivos naturais.

A invenção dos mais recentes dispositivos técnicos a que nos acostumámos a dar o nome de mediáticos e a sua rápida assimilação nas sociedades atuais, ao contrário de que pensam alguns autores a que se costuma dar o nome de pós-modernos, não produz propriamente novas modalidades de experiência, mas artefactos que tornam possível a realização ou a reificação técnica de simulacros das modalidades da experiência que, desde sempre e em todas as sociedades, foram vivenciadas pelos seres humanos. Os novos dispositivos mediáticos, por mais extraordinários que pareçam ser à primeira vista as suas realizações no nosso tempo, só podem, por conseguinte, realizar aquilo que já estava desde sempre presente na experiência do mundo dos seres humanos, mas que o desenvolvimento do conhecimento científico foi tornando possível a sua concretização técnica.

O ponto de partida da minha reflexão é bem conhecido e está acessível à observação de qualquer pessoa: ao contrário das outras espécies, os seres humanos, ao virem ao mundo, passam por todo um conjunto de processos biológicos que fazem com que nasçam em estado fetal, isto é, em estado biologicamente imaturo. Os seres humanos não são evidentemente os únicos seres vivos que nascem em estado fetal; os outros antropoides têm também esta característica, mas de todos os outros antropoides os seres humanos são aqueles em que tais processos são os mais profundos, o que faz com que sejam também os que levam mais tempo a atingir a maturidade. São estes processos biológicos que temos que começar por entender se quisermos ter uma compreensão dos media e, de uma maneira geral, daquilo que é a experiência humana ou, se preferirmos, daquilo que distingue a maneira de os seres humanos estarem no mundo e a sua dependência indissociável da invenção técnica da maneira como os outros seres vivos estão nos seus ecossistemas⁵.

Podemos caracterizar os processos biológicos que sofrem os seres humanos ao virem ao mundo como processos regressivos ou de involução dos dispositivos naturais que

⁵ A distinção entre ecossistema e mundo decorre do fato de, nos seres humanos, a interação dos seus dispositivos naturais não se dar imediatamente com o meio ambiente, mas com o mundo que eles criam, ao contrário das outras espécies que estão fechadas no meio ambiente para o qual os seus dispositivos naturais estão imediatamente predispostos e biologicamente programados. Era por isso que Heidegger dizia que aquilo que caracteriza o ser humano, o *Dasein*, é a abertura, o *ser-no-mundo* (HEIDEGGER, 1986a, p. 86 e ss.).





habilitam os seres vivos a adotar os comportamentos apropriados para sobreviverem, num determinado nicho ecológico, tanto enquanto indivíduos, como enquanto membros da sua espécie. Este processo começa ainda no estado intrauterino e prolonga-se ao longo das primeiras horas depois do parto. Quem observar com atenção o que se passa nas primeiras horas de vida de um recém-nascido pode facilmente verificar que ele consegue ainda adotar os comportamentos próprios da sua espécie, tais como, por exemplo, nadar, mamar, andar, mas que, ao fim de algumas horas, deixa de poder adotá-los, devendo depois seguir todo um processo de aprendizagem que depende da imitação da maneira como os outros seres humanos se comportam, aprendizagem que decorre ao longo dos dois primeiros anos de vida. É a este processo de aprendizagem que se costuma dar o nome de socialização primária (BERGER; LUCKMAN, 1992).

A linguagem, o medium constitutivo de toda a experiência possível

O mais importante dispositivo mediático que os seres humanos interiorizam é obviamente o da linguagem. Não se trata de um medium como os outros, uma vez que é o dispositivo técnico ou o medium que constitui aquilo que é para os seres humanos o seu mundo. No medium da linguagem estão predefinidos todos os outros media, assim como nele está de antemão prevista a invenção de todos os outros media possíveis.

É com a aquisição da linguagem que nos tornamos seres abertos ao mundo, que adquirimos a nossa condição e nos autonomizamos, por conseguinte, das coações do meio ambiente, em que as outras espécies estão fechadas ou aturdidas (AGAMBEN, 2011). É por isso que, para os seres humanos, só são possíveis os mundos e os dispositivos com os quais os formamos, que têm na linguagem não só a sua tradução, mas, sobretudo, a sua constituição. Podemos assim considerar que a criança, no momento em que adquire o domínio da linguagem, termina a socialização primária e está virtualmente dotada de todos os dispositivos que lhe permitem constituir o seu mundo. A partir desse momento, a criança adquire o domínio das categorias que a língua materna constitui e coloca ao seu dispor, o que lhe permite ter a percepção do mundo e dar forma coerente aos objetos da sua percepção. A partir desse momento, toda a experiência possível fica irremediavelmente dependente da mediação do dispositivo da linguagem.

Os sentidos permitem obviamente ter a percepção imediata dos objetos do mundo que nos rodeiam, mas os objetos da percepção só acedem à consciência na medida em que podem ser designados pelas categorias que a linguagem coloca à nossa disposição. Podemos dizer que somos seres conscientes porque somos seres falantes. É por isso que só



nos recordamos daquilo que aconteceu depois de termos começado a falar.

Recordar a natureza mediática fundamental da linguagem é indispensável para compreendermos a relação indissociável do discurso com os media. A linguagem não é um medium como os outros; é o medium constitutivo de todos os mundos possíveis da experiência e, nesse sentido, são os mundos que a linguagem constitui que os outros dispositivos técnicos, os outros media exploram e concretizam em sentidos que temos ainda que descobrir.

Para entendermos a natureza dos media e a sua relação com o discurso, é indispensável clarificar a natureza das diferentes modalidades de objetos técnicos. É a esta clarificação que me vou agora dedicar.

Utensílios, instrumentos, máquinas, dispositivos

Aquilo a que nos habituámos a dar o nome de media são modalidades específicas de objetos técnicos distintas dos utensílios, dos instrumentos e das máquinas. É claro que são, tal como os outros objetos técnicos, artefactos inventados para a realização de atividades humanas. Distinguem-se, no entanto, dos outros objetos técnicos pelo fato de estarem incorporados ao organismo dos seres humanos e de, assim, o disporem, não só a responder aos estímulos ou aos impulsos que recebem do mundo em que estão inseridos, mas também a provocar novos estímulos e novos impulsos que desencadeiam respostas por parte de outros organismos. É por isso que são utilizados no desencadeamento das atividades comunicativas.

Mas, enquanto a natureza técnica dos utensílios, dos instrumentos e das máquinas assenta na materialização e na exteriorização da sua tecnicidade e de a sua funcionalidade técnica depender da sua manipulação ou da sua acoplagem ao corpo, os dispositivos técnicos são artefactos incorporados. Assim, por exemplo, o martelo e o microscópio ótico mostram explicitamente, na sua configuração material, a sua natureza utensiliar e instrumental, respetivamente. O martelo só realiza as suas funções técnicas quando é manipulado e o microscópio ótico só realiza as funções para que foi inventado quando está acoplado à vista.

As máquinas caracterizam-se pelo fato de a sua natureza técnica também residir na materialização e na exteriorização da sua tecnicidade. A diferença das máquinas em relação aos utensílios e aos instrumentos consiste, no entanto, no facto de a sua funcionalidade técnica não depender da sua acoplagem ao corpo, uma vez que se trata de artefactos dotados de individualidade técnica, o que lhes confere autonomia. Daí o facto de



o seu funcionamento, ao contrário do que se passa com os utensílios e os instrumentos, não depender da sua manipulação. A individualidade das máquinas decorre do fato de elas incorporarem, na sua estrutura, elementos técnicos que desempenham as funções dos órgãos dos seres humanos e de funcionarem de acordo com princípios análogos aos que regulam o funcionamento desses órgãos. É por isso que a invenção das máquinas só se tornou possível depois da descoberta das leis que regulam o comportamento humano, em particular, das leis da termodinâmica, assim como, evidentemente, depois da invenção de materiais e artefactos que tornam possível a sua concretização como indivíduos técnicos.

Creio que é agora fácil descobrir aquilo que distingue os dispositivos técnicos, os media, tanto dos utensílios e dos instrumentos como das máquinas. Esta distinção decorre do facto de a sua natureza técnica não ser exteriorizada e de a sua funcionalidade técnica não depender da sua acoplagem ao corpo nem do funcionamento de uma máquina, mas do facto de serem artefactos interiorizados ou incorporados no nosso organismo.

Podemos verificar que, em geral, os objetos técnicos tendem, ao longo do tempo, a tornar-se dispositivos técnicos. Para esta evolução contribui não só o processo de concretização de que depende a sua individualidade técnica, mas, sobretudo, a sua integração na experiência humana. É a esta evolução que damos o nome de processo sociogenético da técnica.

À medida que vão sendo integrados na própria experiência humana do mundo, os objetos técnicos atingem um nível elevado de incorporação no organismo humano e não passam apenas a constituir a experiência, mas a fazer parte da própria experiência que os seres humanos têm do mundo. Como diria McLuhan, passam a constituir o fundo sobre que se recortam as formas ou as figuras da nossa percepção do mundo (MCLUHAN; POWERS, 1989). É por isso que, quando estamos envolvidos no processo de desencadeamento das respostas aos estímulos que recebemos do mundo, não nos damos propriamente conta da sua estrutura e do seu funcionamento, tal como, quando estamos interagindo com o mundo e uns com os outros, não nos damos conta da linguagem que estamos utilizando. Quando falamos uns com os outros, estamos a ser dirigidos pelo dispositivo da linguagem de modo a adotarmos os comportamentos linguísticos adequados à interação em que estamos envolvidos, obedecendo, assim, aos condicionamentos dos dispositivos linguísticos que interiorizámos ao longo da socialização primária. É por isso que é só pela reflexão, quando tomamos distância em relação aos comportamentos desencadeados pelo dispositivo da linguagem, e procuramos, deste modo, objetivá-los, falando deles, que podemos dar conta da sua natureza e do seu funcionamento. É, por





consequente, uma vez desconectados dos dispositivos que, no entanto, continuam a comandar os nossos comportamentos, que podemos dar conta da sua natureza e do seu funcionamento. Como vemos, a reflexão sobre a natureza e o funcionamento tanto do dispositivo da linguagem como dos outros dispositivos de que somos dotados é uma atividade que se confronta com o dilema de só ser possível realizar na medida em que continuamos a ser dirigidos por eles. É por isso que o estudo dos media é um projeto problemático. A dificuldade destes estudos decorre obviamente deste dilema.

Como vimos, a linguagem é o dispositivo que constitui o nosso mundo e nos permite, ao mesmo tempo, interagir com o mundo que ele constitui e dar conta dos dispositivos que o constituem. De igual modo os outros media constituem ambientes próprios que só funcionam se e enquanto forem mobilizados pelas pessoas que os têm interiorizados. Podemos formular ainda de outra maneira o dilema com que se confrontam os estudos dos media, dizendo que os media constituem o fluxo contínuo da experiência do mundo que eles colocam à nossa disposição, ao passo que só nos podemos dar conta do seu funcionamento se nos desconectarmos do mundo que eles constituem e se recortarmos momentos discretos fora do fluxo da experiência do mundo em que nos envolvemos no ambiente por eles constituídos.

Para uma antropologia da experiência técnica

Creio ter deixado claro que a experiência técnica está relacionada com o próprio processo de hominização, em especial com a aquisição da postura ereta, decorrente da libertação dos órgãos de relação, situados de maneira especial, no fâcies e nos membros superiores, onde estão localizados os dispositivos naturais encarregados de assegurar, tanto as funções da locomoção, da captação e da manipulação dos alimentos, como a interação com o mundo e as interações inter e intrasubjetivas. É o que fazia dizer a Leroi-Gourhan:

O homem fabrica utensílios concretos e símbolos, uns e outros dependendo do mesmo processo ou, antes, recorrendo no cérebro ao mesmo equipamento fundamental. Isto levou a considerar não só que a linguagem é tão característica do homem como o utensílio, mas que não é senão a expressão da mesma propriedade do homem. (LEROI-GOURHAN, 1964, v. 1. p. 162-163).

É por isso que, por mais que recuemos no tempo, não encontramos vestígios da presença humana que não estejam acompanhados de vestígios de artefactos reveladores da sua experiência técnica, indiciadora da necessidade de constituição do seu mundo próprio. Daí também que observemos, desde as épocas mais recuadas, o processo de invenção de técnicas destinadas tanto a perpetuar a linguagem no tempo, como a alargar a sua



ressonância no espaço.

A experiência técnica parece, assim, estar desde a sua origem intimamente associada à consciência do tempo (HEIDEGGER, 1986a; 1986b) e, em particular, da mortalidade, uma vez que é sobretudo nos monumentos funerários que encontramos os vestígios de utensílios e de documentos gráficos. Deste modo, é nos seus artefactos que os seres humanos parecem pretender perpetuar-se a si próprios e ao seu mundo para além da efemeridade da sua existência mortal.

A lógica da invenção técnica

Gilbert Simondon foi provavelmente o autor que melhor definiu a lógica da invenção técnica, considerando-a como um processo sociogenético de progressiva concretização dos artefactos. Partindo de uma origem em que precisam da intervenção do homem para concretizarem a sua tecnicidade, os objetos técnicos tendem a ser progressivamente concretizados, ao longo de um processo que os autonomizam relativamente à intervenção humana, adquirindo, assim, a sua própria individualidade técnica (SIMONDON, 1989). Esse processo consiste, segundo o autor, na progressiva invenção de soluções para as incompatibilidades das exigências dos seus diferentes componentes, fazendo com que cada um deles deixe de realizar apenas uma tarefa e de exigir a intervenção humana para resolver pontualmente as incompatibilidades entre os seus diferentes componentes, passando todas a contribuir para o objetivo comum do todo. Vemos assim que, para este autor, o conceito de *interação sinérgica* é o conceito chave da lógica a que obedece o processo sociogenético de invenção técnica: “É essencialmente a descoberta das sinergias funcionais que caracteriza o progresso no desenvolvimento do objeto técnico” (SIMONDON, 1989, p. 37).

Por seu lado, Marshall McLuhan considerava os media como dispositivos que prolongam os nossos órgãos dos sentidos que, deste modo, formam o fundo de que recortamos as figuras das nossas percepções (MCLUHAN; POWERS, 1989). O autor distinguia assim os media que utilizam prioritariamente o funcionamento do hemisfério esquerdo do cérebro dos media que utilizam o hemisfério direito. A escrita alfabética, que tem dominado a civilização ocidental, tem privilegiado o funcionamento do hemisfério esquerdo e habituou-nos a uma percepção do mundo assente no sentido da vista que nos dá do mundo uma visão fragmentada e linear. Para McLuhan, os media electrónicos privilegiam a percepção auditiva, global que retoma, de algum modo, a experiência da oralidade que predomina nas sociedades tribais. É por isso que, para o autor, só a

aprendizagem de uma percepção do mundo que equilibre o funcionamento dos dois hemisférios cerebrais, valorizando de igual modo a percepção visual e as visões acústica e tátil, pode dar do mundo uma visão equilibrada.

As diferentes modalidades de dispositivos mediáticos

Gostaria agora de chamar a atenção para a existência de duas macro categorias de dispositivos mediáticos. A primeira é a que é formada pelo conjunto das *próteses* e das *órteses*. As próteses são dispositivos mediáticos utilizados sobretudo em medicina e que se destinam, respetivamente, a substituir órgãos inexistentes ou a tornar mais eficiente o funcionamento de órgãos deficientes. Pertencem a esta categoria os órgãos artificiais utilizados nos transplantes e nos implantes. As órteses são, por exemplo, os óculos, os relógios de pulso⁶, os *pacemakers* ou marcapassos, dispositivos técnicos mediáticos que são incorporados na experiência humana para intervirem, respetivamente, na percepção visual, na percepção do tempo e no funcionamento do coração.

Mas existe uma outra macro categoria de dispositivos mediáticos, a que é formada pelo conjunto dos artefactos que são interiorizados pelos dispositivos naturais que nos habilitam a realizar atividades comunicativas, dispositivos a que podemos dar o nome de dispositivos mediáticos de enunciação ou, se preferirmos, de dispositivos mediáticos discursivos. É a estes artefactos que as invenções técnicas a que, no século XIX, os americanos deram o nome de *media*, pertencem. É por isso que, para entendermos a sua natureza e o seu modo de funcionamento, temos que ter presente a natureza e o funcionamento dos dispositivos naturais da enunciação, dispositivos que desencadeiam a fala ou as interações discursivas. Os dispositivos mediáticos de enunciação, tais como o grafismo, as diferentes modalidades de escrita, a imprensa de caracteres móveis, o telégrafo, a fotografia, o telefone, a rádio, a televisão, os mais recentes dispositivos cibernéticos são inventos que intervêm no desencadeamento das atividades comunicativas dos seres humanos, tal como, por exemplo, o marcapasso ou o *pace maker* intervêm no funcionamento do coração.

A característica provavelmente mais importante dos dispositivos mediáticos é o facto de só nos apercebermos do seu funcionamento quando deixam de funcionar, quando falham, quando o seu funcionamento é deficiente. Esta é provavelmente a característica

⁶ O galo anuncia pontualmente com o seu canto a alvorada do novo dia. Tive uma cachorrinha que me acordava todos os dias à mesma hora, que pontualmente, ao fim da hora que durava a minha aula semanal de piano, saltava da cama dela e vinha retirar os meus pés dos pedais. Os seres humanos também podem adotar evidentemente comportamentos semelhantes, mas para isso estão dependentes do relógio que tiveram que inventar.

mais importante que os distingue das outras modalidades de objetos técnicos e decorre do fato de serem dispositivos técnicos ou artefactos incorporados ou interiorizados no nosso organismo.

Conclusão

Penso ter mostrado que os estudos de comunicação que pretendem ter os media como objeto, mas que ignoram a natureza da sua tecnicidade, não são os media que têm como objeto de estudo, mas outras questões que têm a ver com o funcionamento da vida social. Partem do pressuposto de que estas questões dependem do funcionamento dos media, como se este funcionamento fosse uma realidade exterior à experiência do mundo, própria da sociedade que os inventou e os utiliza.

Os dispositivos mediáticos da enunciação têm evidentemente influência sobre os nossos comportamentos, mas essa influência escapa à nossa percepção. Não somos, por isso, capazes de os discernir, uma vez que coincidem com a experiência que eles próprios constituem. É a clarificação da natureza desta influência dos media que vou agora tentar explicitar.

Começarei por um exemplo fácil de compreender. Para que o leitor pudesse ter acesso a este texto eu tive que utilizar o medium ou o dispositivo da escrita. Qual é a influência que este dispositivo tem no texto que o leitor está lendo? É evidente que um dos efeitos da escrita decorre da seleção que este dispositivo faz de determinadas materialidades de entre um conjunto ilimitado de outras materialidades que eu poderia ter manifestado nesta comunicação em que tanto eu como o leitor são intervenientes. Como é óbvio, o dispositivo da escrita seleciona apenas as materialidades verbais, uma vez que a escrita alfabética foi inventada para representar apenas estas materialidades. É o preço a pagar para poder entrar em comunicação com o leitor que não está presente fisicamente no mesmo lugar e ao mesmo tempo em que eu escrevo este texto.

Como vemos, o efeito ou a influência dos media consiste precisamente na seleção que fazem das materialidades que manifestam a atividade comunicacional, de modo a tornarem possível o seu desencadeamento nos ambientes que eles constituem. O ambiente que a escrita deste texto constitui é o que se atualiza sempre que alguém o lê, tal como o ambiente que o telefone constitui é o que torna presentes as pessoas que o utilizam; o ambiente que a rádio constitui é o ambiente que torna possível a atividade comunicativa com os rádio ouvintes; o ambiente que a televisão constitui é o que torna possível a atividade comunicativa com os telespectadores; o ambiente que a internet constitui é o que

torna possível a atividade comunicativa entre as pessoas que ela conecta.

Creio que ficou claro que, para poder constituir o ambiente em que as pessoas se encontram, cada um dos media seleciona determinadas componentes da atividade comunicativa para as representar. Assim, por exemplo, das percepções que os espectadores têm do jogo de futebol no estádio, só as materialidades visuais e sonoras que o dispositivo televisivo seleciona é que podem ser percebidas pelo telespectador que em casa assiste ao jogo. Mas no estádio nenhum espectador pode ter visto e ouvido aquilo que o telespectador vê e ouve quando assiste na sua poltrona ao jogo, pela simples razão de que ninguém ocupou no estádio o lugar da câmara nem do microfone que captaram as imagens e os sons do estádio. Mas, se pararmos para observar, podemos dizer o mesmo da atividade comunicativa entre as pessoas que assistiram ao jogo no estádio, uma vez que cada um dos espectadores ocupou um determinado lugar nas bancadas que mais nenhum espectador podia ocupar ao mesmo tempo, a partir do qual viu, ouviu, sentiu componentes da atividade comunicativa em que esteve envolvido que mais ninguém viu, ouviu e sentiu. A partir deste exemplo, o leitor pode verificar porque razão toda a atividade comunicativa é inevitavelmente mediática e depende da seleção que o medium mobilizado faz de entre as suas componentes materiais para a constituição do ambiente em que ela ocorre. Poderá verificar, por exemplo, que, ao utilizarem uma determinada língua, as pessoas não dizem exatamente as mesmas coisas que diriam se utilizassem outras línguas, e que, mesmo falando a mesma língua, nunca narra os mesmos acontecimentos da mesma maneira, mas são levadas a selecionar objetos e acontecimentos em função do ambiente constituído pelo medium mobilizado.

Creio ter mostrado que o objeto do estudo dos media não é o discurso ou a fala das pessoas, mas aquilo que da atividade comunicativa das pessoas eles selecionam para poderem constituir o ambiente específico para que foram inventados.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto, o homem e o animal**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **La construction sociale de la réalité**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1992.

CONAN DOYLE, Arthur. **The history of spiritualism**. London, New York, Toronto and Melbourne: Cassel and Company Ltd., 1926.

HEIDEGGER, Martin. **Etre et temps**. Paris: Gallimard, 1986a.



HEIDEGGER, Martin. La question de la technique. *In: Essais et conférences*. Paris: Tel-Gallimard, 1986b, p. 9-48.

LEROI-GOURHAN, André. **Le geste et la parole**. Paris: Albin Michel, 1964. 2 vols.

MCLUHAN, Marshall; POWERS, Bruce R.. **The global village**: transformations in word life and media in the 21th. century. New York, Oxford: Oxford University Press, 1989.

PETERS, John Duhran. **Speaking into the air**: a history of the idea of communication. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques**, Paris: Aubier, 1989.

Submetido em: 29.05.2019.

Aprovado em: 10.06.2019.